

# MEMÓRIA CAMPINEIRA

## CRÔNICA DE UM CRUZEIRO

Júlio MARIANO

O cruzeiro que se erguia dantes na Avenida da Saudade, proximidades de onde se encontra hoje a Matriz de Santo Antônio, e que em janeiro de 1964 foi removido para a Praça Voluntários de 32, frente ao Cemitério, possui uma história que, espelhando costumes e crenças da gente campineira no alvorecer do século merece ser lembrada. Começamos contando das missões, que atualmente não mais se vê.

Criadas pela Igreja, as missões, percorrendo cidades e vilas do interior, foram um meio eficiente de reavivar a fé no seio do povo. Experimentados e eloqüentes oradores sacros, que eram os padres missionários, aí apareciam de quando em quando, e se ativando numa campanha de doutrinação pela palavra alongavam por várias semanas sua permanência numa mesma paróquia ou povoado. O encerramento da temporada missioneira não raro se procedia com milhares de confissões e comunhões, centenas de casamentos religiosos e solene "Te Deum" campal, cuja lembrança se perpetuava com o alevantamento de um cruzeiro de madeira.

O cruzeiro plantado no antigo escampado do Fundão, a meio caminho do cemitério, rememorava em seu lenho negro uma temporada das missões em Campinas nos anos de 1908 e 1909. Por aquela época, a via da cidade dos mortos podia ser compreendida como prolongamento da rua José Paulino. Inteiramente despida de construções em suas margens, além da Caixa d'Água, o seu todo se oferecia aos olhos como um ermo sombrio, com um único prédio, entre o local do cruzeiro e o cemitério, que era o do casarão tapera do antigo Hospital do Isolamento.

A legenda Avenida da Saudade, com que atualmente é conhecida aquela via pública, data do ano de 1922. Foi em sessão da Câmara de 5 de agosto daquele ano, que o advogado vereador Dr. Paulo Pupo apresentou à consideração de seus pares a indicação para que se denominasse "Avenida da Saudade" a via que conduza ao cemitério, com a justificação apenas de que seria um nome "menos lúgubre e mais significativo" que rua do Fundão ou do Cemitério. Dois anos após, em sessão de 23 de outubro de 1924, baseou-se o edil Dr. A. C. de Camargo Viana na legenda "Avenida da Saudade" para apresentar projeto de lei denominado "Cemitério da Saudade" à necrópole do Fundão. Desta forma, veio a ser definitivamente esquecido o primitivo apelido "Fundão" para a cidade dos mortos e o próprio bairro.

A 1º de novembro de 1909, a primeira pessoa que logo pela manhã transitou pelo chamado caminho do Fundão, constatou um fato que a estarreceu deveras: serrado rente sua base, o cruzeiro das missões ali se encontrava tomabado, no chão! Cidade na qual os fiéis católicos somavam grande maioria, a notícia da derrubada do cruzeiro explodiu como uma bomba em meio ao povo, provocando geral indignação. No caso de serem identificados os autores do atentado poderia até ter havido um crime de linchamento popular, em represália. No entanto, acumpliciados para o ato com o escuro da noite e o ermo do local, que se dizia ser malassombrado, os vândalos iconoclastas jamais foram descobertos e nem ao menos suspeitados individualmente. Verdade é que, semanas ou meses decorridos, bosquejou-se entre as criaturas mais simples que certo fulano, vitimado por desastre no qual sofrera a quebra de braços, pernas e pescoço, não podia ser outro senão o herege serrador do cruzeiro, e por isso duramente castigado pelo céu...

Da acesa revolta popular havia com a derrubada do cruzeiro das missões, originou-se desde logo intensa campanha, liderada por elementos os mais representativos da comunidade, entre os quais o Bispo Dom Nery, visando a reimplantação do cruzeiro no caminho do Fundão, mas não mais de madeira, como o anterior, e sim de largas placas de ferro.

Em torno do jovem Bispo Dom Nery apontaram os cidadãos campineiros natos ou por adoção: João Lopes Martins, Henrique Burnier, Antônio Rodrigues de Melo, Benedito Otávio, José Rodrigues dos Santos Calhella, Roque de Marco, Luiz Pereira, José Luiz Pereira de Queiroz,

Alberto Nascimento, Carlos Coelho, Joaquim Faria, Guilherme Décourt, Vicente Velilo, Artur Guimarães, A. B. de Castro Mendes, José Ladeira, Bento da Silva Leite, Joaquim Pinto de Moraes, Rafael Sales, Carlos Gerin e Jerônimo de Campos Freire. Organizada a Comissão Executiva do projetado cruzeiro, foi recebendo o óbolo da multidão de fiéis, desde os mais ricos aos mais pobres. Coube às oficinas da Companhia MacHardy a confecção do novo crumeiro.

No dia 3 de abril de 1910, no portal da Catedral, perante o Cabido Diocesano ricamente paramentado, membros das associações religiosas e grande massa de povo, procedeu o Bispo Dom João Batista Corrêa Nery à benção do cruzeiro de ferro. Concluída a cerimônia no portal do templo, clero e povo, processionalmente, ganharam desde logo a rua José Paulino, e entoando ladainhas e cânticos religiosos, em gigantesco desfile tomaram o rumo do cemitério do Fundão. Para a carregamento da pesada cruz a braços e pulsos, não faltaram os Cirineus, que se ofereceram às centenas formando grupos de revezamento. Foi um acontecimento inigualável em Campinas, como manifestação de fé católica.

Junto ao pedestal do novo cruzeiro, na futura Avenida da Saudade, proferiu eloqüente e tocante oração Frei Raimundo Afonsel, possivelmente como representante dos missionários. Ao verbo sagrado, seguiu-se a palavra lírica da festejada escritora Maria Amélia de Rezende Martins, na declamação do poema de Machado Júnior, "O Brasil e a Cruz".

Altar de promessas dos mais humildes crentes, que se oferecera o cruzeiro no caminho do Fundão, rodeou-o a imaginação popular de umas quantas lendas da assombração. Para tanto, era cenário apropriado a vizinhança do cemitério, cujo rendilhado frontal alvejava lá ao fundo nas noites de luar. E assim permaneceu, até Campinas tornar-se outra, com o seu casario urbano a afogar e a ultrapassar o majestoso Cemitério da Saudade. Hoje, nem mais se atenta no vulto do cruzeiro das missões, que plantado ali rente à escadaria da necrópole, se nos afigura uma cruz a mais entre as milhares de cruzes tumulares da cidade dos mortos.